

Cultura

QUARTA-FEIRA • 1 DE DEZEMBRO DE 2021

Diário do Minho

ESTE SUPLEMENTO FAZ PARTE DA EDIÇÃO N.º 33031
DE 1 DE DEZEMBRO DE 2021, DO JORNAL DIÁRIO DO MINHO,
NÃO PODENDO SER VENDIDO SEPARADAMENTE



André Soares
Casa de fresco
no Bom Jesus
do Monte

cooptados entre os investigadores mais conceituados de Portugal e Brasil. Quanto aos convidados deste número da revista, neste caso foram Peter Fuhring, o mais prestigiado investigador mundial sobre o ornamento barroco e rococó, e Myriam Ribeiro de Oliveira, o maior nome no conhecimento do Rococó no Brasil e que, por isso mesmo, é também uma excelente conhecedora do Rococó português.

Razões várias, em que teve um peso determinante o problema sanitário que assolou todo o mundo – o Covid-19 – levaram a que a revista atrasasse um ano.

No passado dia 29 de Outubro de 2021 a revista foi finalmente apresentada no Museu Nacional de Arte Antiga, numa cerimónia conduzida por Joaquim Rodrigues dos Santos e em que houve palavras de Joaquim Oliveira Caetano – o director do MNAA – de Vítor Serrão, de Peter Fuhring e uma breve conferência sobre André Soares, feita por Eduardo Pires de Oliveira. A terminar foi lido um texto de António Filipe Pimental, actual director do Museu Calouste Gulbenkian, que havia sido convidado para apresentar a revista; porém, o texto teve que ser lido porque António Filipe Pimentel estava retido em casa, devido ao facto de ter tido contacto com uma pessoa que estaria infectada.

Sendo André Soares o maior vulto do Rococó nacional, desde logo propusemos, quer ao GAMT - Grupo de Amigos do Mosteiro de Tibães, quer à direcção do Mosteiro de Tibães, quer ainda ao ARTIS-IHA, que a apresentação da revista não se deveria circunscrever apenas a Lisboa, mas deveria estender-se também a Tibães, local para onde André Soares concebera o seu conjunto mais avassalador de obra de talha – ideia que foi aceite por todos.

A apresentação nortenha da ARTIS 7/8 terá lugar na tarde do dia 4 de Dezembro, no mosteiro de Tibães, com a presença do director da revista, Vítor Serrão, dos editores literários Eduardo Pires de Oliveira e Joaquim Rodrigues dos Santos, da directora do GAMT, Aida Mata, e do responsável pelo mosteiro de Tibães, Paulo Oliveira.

Nesta apresentação contamos também com a colaboração do jornal “Diário do Minho”, que aceitou com a melhor boa vontade dedicar um suplemento literário ao Rococó em Portugal e ao volume 7/8 da ARTIS.

Uma brisa no panorama da história da arte em Portugal:

Revista artis nº 7/8 (2019-20) – Rococó

O lançamento do presente número da *ARTIS - Revista de História da Arte e Ciências do Património* reveste-se de grande importância por várias razões:

1) Desde logo porque é o último número com Vítor Serrão enquanto director da revista;

2) mas também porque é o primeiro número duplo da revista;

3) e, ainda, porque ocorre na conjugação da feliz coincidência de 2019 e 2020 celebrarem, respectivamente, os 250 anos da morte e os 300 anos do nascimento de célebre artista bracarense André Soares;

4) e, mais importante que tudo, porque é a primeira publicação de grande fôlego em Portugal dedicada inteiramente ao Rococó, um estilo artístico que tem estado quase desprezado pelos portugueses, possuindo a revista a participação de vários autores em distintas áreas de investigação.

Este número especial, coordenado por Eduardo Pires de Oliveira e por Joaquim Rodrigues dos Santos, teve um elevado número de propostas de publicação provenientes de Portugal e de outros seis países estrangeiros, demonstrando um crescente interesse e internacionalização o que é fruto da grande qualidade científica da revista e, porque não, da sua grande beleza gráfica. Foram publicados 22 artigos no caderno principal da revista, o dedicado ao tema aglutinador, o Rococó; a eles somam-se mais dez artigos na secção que denominamos *Varia*. E não podemos, ainda, deixar de mencionar o Conselho Científico que procedeu à revisão científica das propostas, onde figuram nomes com elevado reconhecimento a nível académico, contribuindo decisivamente para aumentar os padrões de rigor científico da revista.

A revista abre da melhor forma possível, com um excelente artigo de Peter Fuhring, o maior especialista mundial em Ornamento, seja barroco ou rococó. Neste texto, Peter



FONTE. MUSEU DE ARTE ANTIGA

Fuhring dá-nos um panorama do estado da arte relativamente aos estudos sobre o Rococó no panorama europeu, referindo de forma sintética as origens e evolução deste gosto na Europa, e a importância que as gravuras e estampas tiveram na divulgação e proliferação deste estilo artístico. Portugal

foi também abordado, uma vez que o Rococó conheceu um segundo fôlego entre nós, revelando-se de forma original e única em muitos aspectos.

Segue-se a entrevista a Myriam Ribeiro de Oliveira, conduzida pelos coordenadores deste número da revista. Myriam Ribeiro de Oliveira

foi, sem sombra de dúvida, a historiadora da arte que mais contribuiu para o estudo do Rococó português, no Brasil e em Portugal, e por isso mesmo esta entrevista é também ela uma mais do que justa homenagem. A historiadora de arte revela-nos o seu percurso profissional, que em grande



COCHE DE D. MARIA BENEDITA. MUSEU DOS COCHES



CREDENCIA D. JOSÉ

parte está intimamente ligado ao estudo do Rococó, estando patente o seu pioneirismo quando, talvez pela primeira vez, assume que o que então se chamava como “barroco mineiro” era, afinal, Rococó – mesmo contra o discurso oficial do regime brasileiro. Myriam destaca-se também pelo papel relevante, essencial, que assumiu no estreitar de laços entre investigadores portugueses e brasileiros, como culminar de uma lógica que apontava para a existência de uma geografia da arte entre Minho e Minas Gerais no século XVIII.

Eduardo Pires de Oliveira, o grande especialista em André Soares – e, porque não dizê-lo, um dos maiores conhecedores do Rococó em Portugal – surge-nos depois destes dois grandes nomes internacionais, com um artigo sobre André Soares,

que foi afinal o mote para este número especial da revista ARTIS. Eduardo Pires de Oliveira analisa no seu ensaio a cultura mental e o pensamento de André Soares, bem como o seu modo de riscar (= projectar) e as características da sua obra, a que se junta a revelação do impacto em Braga do arcebispo D. José de Bragança, irmão do rei D. João V e, por isso, membro da Casa Real portuguesa, que elegeu um novo estilo para demonstrar que a sua importância era *muito superior* à dos *seus antecessores* .

Este número especial da revista Artis assume também importância pelo facto de abordar, quicá pela primeira vez, em Portugal, de forma mais sustentada, o tema do Regência, um estilo ainda muitíssimo pouco conhecido, seja na Europa, seja sobretudo em

Portugal, que importa começar a estudar e a debater. O Regência é o estilo que antecede e, pode dizer-se, prepara o aparecimento do Rococó. No seu artigo, José Meco obsequiou-nos com um magnífico texto absolutamente pioneiro sobre o Regência em Portugal na área aplicada à azulejaria, mercê do seu olhar apurado e da sua fantástica memória visual. O historiador contextualiza a introdução do Regência em Portugal, referindo a fixação em Portugal de gravadores estrangeiros ao serviço de D. João V e a influência das gravuras francesas nas composições ornamentais de azulejaria portuguesa.

Hélder Carita e Joaquim Rodrigues dos Santos complementam a abordagem ao Regência, tendo como caso de estudo o Palácio de Que-

luz, geralmente apelidado como uma jóia do Rococó em Portugal, mas onde, afinal, a fantástica Sala do Trono possui decoração em Regência de influência francesa. De facto, esta sala possui uma estrutura espacial afecta à tradição tradística classicista, com uma sólida composição arquitectónica onde as relações entre forma e estrutura valorizam a ordem e o ritmo, mas também a simetria e a proporção. Existe aqui a valorização de uma lógica construtiva diferenciando tecto e paredes, embora com uma envolveria borrominesca de curvas e ovais, aliado a uma desmaterialização do espaço pela luz e atectonicidade. Foi a inovação artística possível na região de Lisboa naquela altura, num período marcado pelo terrível terramoto de 1755 e condicionado pela hegemonia

do pragmatismo da natural exigência de um pombalino pós-terramoto.

Finalmente, Diogo Lemos faz também um apontamento ao Regência no seu artigo sobre os retratos da Sala dos Tudescos, no Palácio Ducal de Vila Viçosa, sendo possível verificar uma vez mais que, não obstante toda a influência italiana nas artes que geralmente se atribui à vontade de D. João V, o gosto de influência francesa também foi deliberadamente seguido em muitas ocasiões, através das encomendas feitas a embaixadores e agentes portugueses em França ou pela reprodução directa das artes decorativas francesas no contexto português.

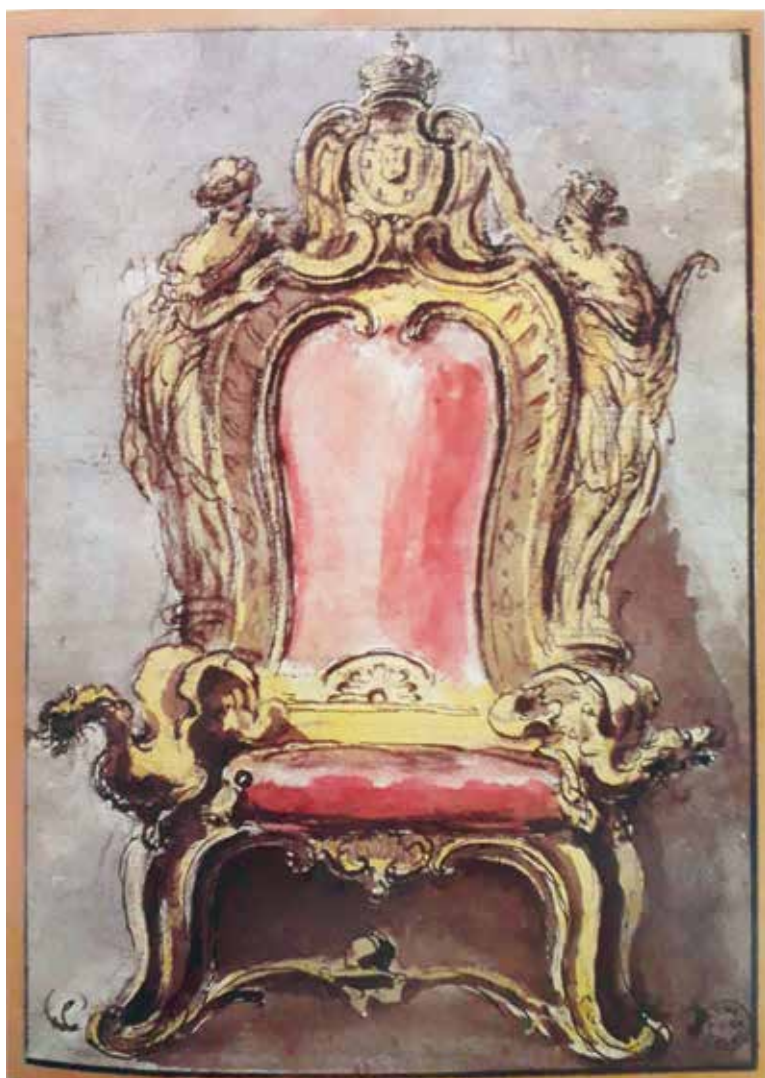
Os artigos seguintes mostram-nos a dualidade / indecisão que existia na segunda metade do século XVIII



FRANCISCO PEREIRA CAMPANHÁ. GRADE DA CAPELA DE Nª Sª DA SOLEDADE. IGREJA DE S. FRANCISCO. PORTO



CADEIRINHA DE ARRUAR. MUSEU DE S. JOÃO DEL REI



JUSTE AURÉLE MEISSONIER. PROJECTO DE UM TRONO PARA O REI D. JOÃO V DE PORTUGAL

relativamente à utilização dos gostos artísticos em Portugal e, mais concretamente, a difícil escolha entre o Tardo-Barroco e o Rococó – como, aliás, Eduardo Pires de Oliveira já havia apontado antes no seu artigo. Raquel Seixas, no seu artigo relativo ao Santuário de Nossa Senhora de Aires (Viana do Alentejo), foca precisamente a questão da essência dos estilos, a sua fronteira, as suas características formais distintas e, em última análise, a sua convivência numa mesma obra. Neste caso, a planimetria e estrutura barrocas convivem com o baldaquino e alguma decoração rococó. Interessante é também as eventuais conexões com a arquitectura religiosa da Europa Central, onde o Rococó em edifícios religiosos foi muito vincado.

No mesmo sentido que Raquel Seixas, também Vítor Serrão analisa no seu artigo um templo alentejano, a Igreja de Nossa Senhora da Assunção, em Messejana. A imagem do santuário anteriormente referido, poderá possuir paralelos com as igrejas da Europa Central colocadas no meio dos campos, mostrando assim a viagem das formas e ideias. Mais uma vez encontramos nesta

igreja uma mescla estilística relativamente coerente, onde a um edifício marcadamente barroco foram adicionados elementos rococó – sobretudo no retábulo. A igreja tem a particularidade de ter uma fachada de duas torres rodadas, característica pouco comum na arquitectura portuguesa; o autor não descarta possíveis influências provenientes oriundas de Salvador da Bahia, mediante uma intrincada teia de relações que o autor descortinou, associadas ao projectista da igreja – aqui atribuída, possivelmente pela primeira vez, ao arquitecto algarvio Diogo Tavares e Ataíde.

Bem diferente é a abordagem efectuada por José Carlos Menezes no seu ensaio dedicado à fachada inacabada do Palácio do Fidalgo em Vila Boa de Quires (Marco de Canaveses), uma estranhíssima maravilha palaciana não concretizada que incorpora, uma vez mais, uma simbiose entre o Barroco e o Rococó. O autor preferiu realizar um estudo tipológico dos elementos decorativos da fachada do palácio, comparando-os com obras de Nicolau Nasoni, André Soares e Andrea Pozzo; será que se conseguiriam encontrar também vinculações com gravuras provenientes da

Europa Central ou mesmo de França? Talvez futuramente se consiga avançar mais sobre o conhecimento deste palácio extravagante, seja ao nível da documentação ainda por descobrir, seja pela análise dos vestígios remanescentes sob outros pontos de vista.

Domingos Tavares traz-nos um estudo sobre a Capela de Santa Madalena, na Falperra (Braga), abordando a teatralização do espaço litúrgico, a referenciação simbólica da paisagem, e os jogos geométricos como definidores da composição planimétrica do edifício. Se o papel de André Soares na remodelação do edifício era já conhecida de todos, não deixa de ser relevante a atribuição da possibilidade de ter sido Manuel Pinto de Vilalobos, arquitecto ligado ao arcebispado de Braga, o responsável pelo traço inicial da planta da capela. É também clara a reflexão sobre o método de projectar por parte dos arquitectos, e o recurso à abstracção geométrica conjugado com o empirismo construtivo – não nos esquecendo do trabalho escultórico em pedra, em que assistimos aqui como que ao transplante da talha da madeira para o granito, uma referência no Entre-Douro-e-Minho.

Esta característica da “talha gorda” minhota, depois passada para a pedra, encontra paralelo no outro lado do Atlântico, demonstrando a circularidade cultural que motivou o trânsito de modelos culturais de França para a Europa Central, nomeadamente para a Baviera, e daí para Portugal, a posterior aculturação nas cidades brasileiras do litoral, para finalmente se inserirem na arquitetura religiosa setecentista em Minas Gerais. Esta é precisamente a temática abordada por André Guilherme Dornelles Dangelo e por Vanessa Borges Brasileiro no seu artigo, onde mencionam o meio difusor para divulgar o Rococó em Minas Gerais – as estampas –, bem como o período da sua chegada e principais intervenientes.

Um outro artigo proveniente do Brasil, da autoria de Kellen Cristina Silva, introduz-nos uma outra abordagem que, esperamos nós, possa ser mais desenvolvida no futuro: a apropriação do Rococó por artesãos locais mineiros, que recriaram o Rococó de modo popular e vernáculo, com base em obras que viram e procuraram recriar,

possivelmente sem acesso a gravuras em primeira versão ou às obras maiores do Rococó. O mote foi uma cadeirinha de arruar, um modo de locomoção que se baseia no transporte efectuado por escravos, cuja decoração evidencia influências provenientes de gravuras, mas aqui aclimatadas ao gosto das elites locais e concretizadas por artistas locais. O tom vernacular é especialmente visível nas pinturas de algum modo ingénuas, que não obstante a busca por influências mitológicas, parece demonstrar uma interpretação artística rudimentar.

Voltando a Portugal, encontramos ainda neste número especial da revista um conjunto de artigos dedicados a temas ou peças específicas de grande qualidade no panorama Rococó português. Desde logo o estudo deveras interessante sobre os estuques decorativos, muitas vezes esquecidos, mas que merecem destaque como obras de

arte decorativas da maior relevância. Isabel Mayer Godinho Mendonça analisa os estucadores da região do Ticino (Itália) que trouxeram para Portugal um conhecimento actualizado das novidades artísticas europeias e que foram responsáveis pela implantação de um novo gosto na decoração dos interiores de igrejas e palácios. Uma vez mais encontramos o Regência aplicado às artes decorativas integradas em palácios e igrejas (estuques em relevos, cartelas e tectos), e a influência que existiu das estampas francesas.

Também João Castel-Branco Pereira nos traz outro tema muitas vezes esquecido e que, no entanto, apresenta alguns dos mais belos exemplos de arte rococó em Portugal; referimo-nos às as viaturas de gala – sobretudo as da Casa Real. O luxo destas viaturas era moldado em Versalhes, replicado por D. João V em afirmações públicas do seu poder, num tempo



CASA MUSEU GUERRA JUNQUEIRO



CADEIRA CHIPPENDALE PORTUGUESA

em que a ostentação da riqueza, e por isso de Paris veio a grande maioria das viaturas de gala e aparato para serviço da Casa Real portuguesa, mostrando uma vez mais que o gosto quinto-joanino não se esgotava na Itália barroca. O autor perpassa por coches e berlindas existente no fabuloso Museu dos Coches, no pica-deiro do Palácio Ducal de Vila Viçosa e ainda no Castelo d'Eu (França), para demonstrar o requinte Regência e Rococó não só na ornamentação em talha, mas também nas pinturas, panejamentos e *ferronerie*. É interessante verificar a reciclagem de viaturas que ia sendo feita entre reis e aristocratas: muitas delas eram encomendadas para ocasiões especiais, como as trocas das princesas, casamentos reais, etc.

Luísa Penalva e João Magalhães focam, no seu artigo, talvez a mais importante baixela de prata rococó do mundo, uma verdadeira maravilha que a todos nos deve orgulhar: a Baixela Germain pertencente à Casa Real portuguesa. Esta baixela é tão importante que,

segundo consta, a decoração Tardo-Regência da Sala de Banquetes do Palácio das Necessidades, em Lisboa, foi feita especialmente para combinar estilisticamente com a baixela, que aí estaria exposta. No seu artigo os autores analisam a evolução estilística através de várias peças que compõem a baixela, evidenciando uma encomenda que se estendeu ao longo do tempo e, por isso, recebeu diferentes influências artísticas. Esperamos que seja possível, em estudos futuros, conhecer o processo de escolha do desenho das peças por parte dos monarcas portugueses, e se estas configuram uma originalidade portuguesa ou apenas replicação de desenhos franceses/europeus.

Também Maria da Conceição Borges de Sousa dedica o seu estudo a uma peça que no seu género é única no mundo: uma fonte com mesa em talha dourada executada em uma madeira tropical, de gosto assumidamente rococó, que serviria para lavar as mãos. A novidade que a autora nos apresenta é a possível autoria

desta peça única que atribui a André Soares, o que baseia numa cuidadosa análise formal dos elementos ornamentais com as obras do mestre minhoto e, ainda, nas relações dos anteriores possuidores desta fonte que eram da cidade de Braga. A obra de arte, esculpida em madeira e dourada, possui uma finura e requinte que, mais do que de talha, dir-se-ia quase uma peça de ourivesaria.

Claro que a talha não poderia deixar de estar presente no contexto do Rococó português. José Vieira Gomes trouxe-nos um artigo onde são analisados três retábulos desenhados por André Soares sob o ponto de vista da composição geométrica, e da utilização de ornamentos inspirados em estampas. É interessante compreender o processo mental de composição da estrutura dos retábulos, a que se associa a própria composição ornamental com escolha e adaptação de ornamentos existentes em gravuras. Porém, tendo em conta os antecedentes profissionais do autor, ligados à produção artística de talha, é de incentivar futuros estudos sob a perspectiva do entalhador: qual o processo de passagem do desenho bidimensional para a realidade tridimensional? Como adaptar o monocromatismo da gravura para a eventual policromia da talha? Como “atacar” a madeira no momento de se avançar para o desbaste da madeira, para a arte da talha? Existem características próprias de cada entalhador que permitam reconhecer a sua obra? Como se comportaria cada entalhador frente a um mesmo risco de talha? É um novo mundo, uma nova forma de olhar entre nós o estudo da talha que se abre com este estudo.

O ensaio de Joaquim Rodrigues dos Santos estende-nos a área geográfica do Rococó português para o oriente, e mais concretamente para a Índia, algo quicá inusitado para a maioria das pessoas. A análise da retabulística e púlpitos goeses permitiu determinar o estabelecimento do Rococó em Goa e a sua evolução no território, focando o papel relevante dos franciscanos para o estabelecimento da nova linguagem naquele território, demonstrando assim a abertura desta ordem e da região para influências estéticas novas e para a sua conjugação com

estéticas locais. É interessante verificar que o aparecimento do Rococó em Goa determinou o fim do período áureo da talha goesa, que tinha atingido o seu apogeu e originalidade no tempo do barroco.

De cunho completamente distinto é o texto da autoria de Franklin Pereira, uma das grandes autoridades mundiais num tema tão específico como o é os couros artísticos (gudamecis e os couros lavrados aplicados em cadeiras, frontais de altares, biombos e outros elementos). O autor produziu no seu estudo uma síntese bastante completa sobre a evolução deste tipo de produção em Portugal, abordando peças artísticas, influências, técnicas de produção e características específicas. Igualmente importante é o inventário de peças espalhadas pelo país, meticoloso e demonstrativo do cuidado posto numa pesquisa de décadas, seguramente.

Continuando com a temática do mobiliário, o artigo de Patrícia Cotta aborda a produção de mobiliário feita em Portugal sobretudo durante o reinado de D. José, e as influências recebidas. O desenvolvimento desta acti-

vidade produtiva foi devida à proibição de importação de mobiliário do estrangeiro por imposição real, como consequência das dificuldades financeiras que o país atravessava, o que permitiu desenvolver a produção nacional que, não obstante as influências francesas e inglesas, apresentava um *gosto em português* que se manifestou de forma híbrida, mas inconfundivelmente portuguesa.

O Rococó era também passível de ser vislumbrado na indumentária utilizada no período final do Antigo Regime, conforme nos mostra Ana Margarida Dias da Silva no seu estudo. É curioso notar que, à escassez de exemplos de trajes da época, visto que eram essencialmente objecto de uso quotidiano e sujeitos a rápido desgaste ou a tornarem-se *démodé*, a autora recorreu à análise de pinturas eruditas e populares e, sobretudo, de brinquedos como fontes primaciais. Uma das questões que se poderia colocar é saber qual a diferença entre os trajes barrocos e os rococó, sobretudo quando somos contaminados por filmes de época que por vezes não têm o rigor desejado ao nível da indumentária.



CAPELA DA ORDEM TERCEIRA DE Nª Sª DE JESUS, LISBOA

Por fim, se por um lado a este número da ARTIS se inicia com o Regência, que antecede o Rococó e cujos estudos ainda são necessários aprofundar em Portugal, não poderia haver melhor desfecho do que fechar o caderno principal com um artigo abordando o Neo-Rococó, um gosto que também é necessário estudar mais aprofundadamente. É precisamente isso que nos faz António Cota Fereiro, que fecha com chave de ouro com um artigo sobre a luminária francesa e alemã de finais do século XIX presente em Portugal. Passado um século, o Rococó ainda era sinal de luxo e por isso replicado em peças de artes decorativas, como neste caso a luminária francesa e alemã – ou seja, foi adaptado para peças que nem sequer existiam ainda na época em que vigorou o Rococó. Mas o próprio Neo-Rococó seria também sinal de afirmação política, em especial na Alemanha, conforme aponta o autor. Muitas destas peças requintadas foram adquiridas pela Família Real portuguesa e expostas em vários dos seus palácios reais, mas também nas casas aristocráticas e alto-burguesas, como sinal de esplendor.

Também na *Varia* temos um conjunto de pequenos textos com temáticas muito diversas e com elevada qualidade e interesse. Sylvie Deswarte-Rosa traz-nos um texto onde dá a notícia de um pequeno retrato do célebre humanista e pedagogo flamengo Nicolau Clenardo que entre nós ensinou em Braga durante um período de cinco anos, pintado num códice que pertenceu à Família Real. A autora atribui a autoria das iluminuras deste códice ao flamengo António de Holanda, provavelmente aquando da estadia da Família Real em Évora. O retrato é o ponto de partida para uma breve análise do códice e de todo o contexto a si associado, onde a representação de Clenardo ganha especial relevância.

É curioso notar que, como afirma Eduardo Pires de Oliveira, o Rococó terá sido uma espécie de preparação para a Arte Nova cerca de um século depois, com a intermediação do Neo-Rococó revivalista pouco antes; e acabamos por ter na *Varia* uma notícia da autoria de Sofia Braga precisamente sobre a pintura mural de três artistas – três pintores – Arte Nova: Francis-

co Vilaça, Domingos Costa e Benvido Ceia. O artigo é baseado sobretudo na imprensa periódica da época, que cada vez mais se tem vindo a tornar uma fonte primária fundamental para compreender o pensamento e cultura da época. E, neste sentido, não podemos deixar de notar as preocupações com as artes que algumas destas revistas tinham, informando nas suas páginas não só sobre arte mais antiga, mas também sobre as obras artísticas que então se iam fazendo: isto para não se referir o belíssimo aparato gráfico em que eram publicadas..

Sónia Duarte traz-nos um artigo muito interessante onde apresenta uma extensa

religiosidade das pessoas, as posses financeiras, os serviços de mesa, etc. De facto, os testamentos revelam-se uma fonte importante de conhecimento dos bens materiais da época, mas também das próprias vivências.

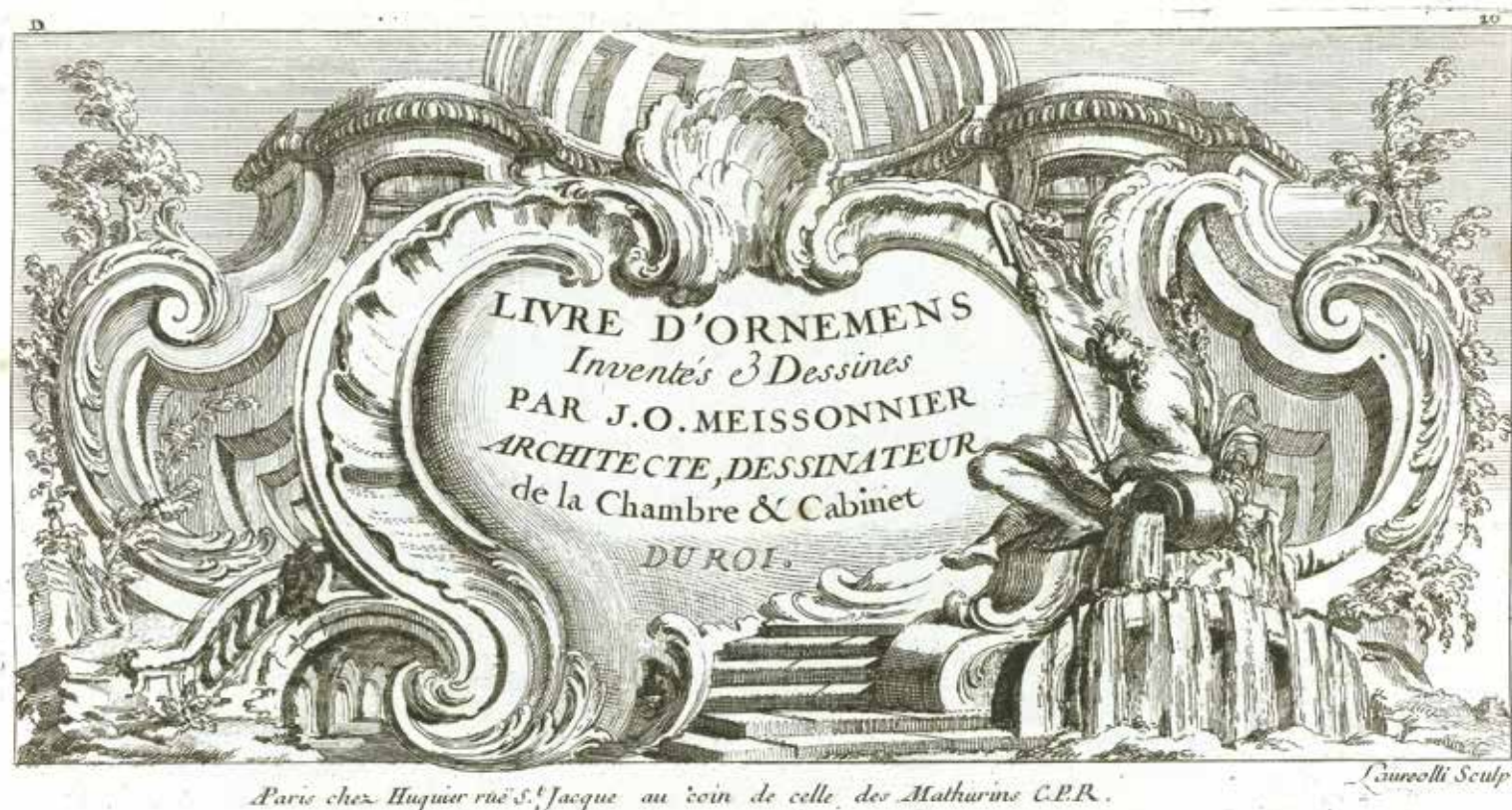
Temos depois dois interessantes textos que abordam a presença portuguesa em terras do Oriente, da autoria de investigadores locais. Sagara Jayasinghe traz-nos um artigo que vem no âmbito de um projecto que tem vindo a ser desenvolvido sobre o estudo das igrejas oratorianas no Sri Lanka, construídas por padres brâmanes goeses pertencentes ao Padroado do Oriente. Este património era completamente

na antiga Província do Norte da Índia portuguesa, no litoral dos actuais estados de Maharashtra e Gujarat, que detectou 38 ruínas de casas senhoriais portuguesas no território. Este estudo vem sustentar o investimento que foi feito pelos portugueses para a colonização deste território, com a cedência de terras a foreiros portugueses que as defendiam e administravam, e permite-nos ter uma panorâmica geral de como era feita a implantação destas casas senhoriais fortificadas e as suas componentes.

Noutro sentido segue o texto de Ramiro A. Gonçalves, que aborda a identidade de Monsieur Lannoy, um negociante de arte parisiense que prestou

Eduardo Pires de Oliveira ao estudo magistral que Marie Thérèse Mandroux-França efectuou sobre a gravura Rococó em Portugal. Apesar de já terem passado quase 50 anos desde a sua publicação, aquele trabalho continua a ser uma obra de referência para quem estuda o Rococó em Portugal, e prova disso mesmo é o facto da quase totalidade dos artigos publicados neste número especial da revista Artis mencionarem este estudo de referência.

Refiram-se ainda duas recensões críticas publicadas como remate da revista: a excelente recensão feita por Sónia Duarte ao livro *Watteau, Music, and Theater*, de Katharine Baetjer, que aprofunda os aspectos mais



AMSTERDAM, RIJSMUSEUM

análise dos azulejos do refeitório do Colégio da Pedreira, em Coimbra, cotejando-os com as prováveis fontes em gravuras essencialmente de origem flamenga. O programa iconográfico foi analisado com detalhe, e deixam-nos com poucas dúvidas sobre as suas influências.

Já Gonçalo de Vasconcelos e Sousa revela-nos, no seu ensaio, um pouco das vivências da elite mineira de Mariana, mediante a análise de um testamento. Os componentes no rol testamentário permitem vislumbrar características como o mobiliário das casas, o vestuário que se usava, a

desconhecido até muito recentemente, e infelizmente tem vindo a desaparecer rapidamente, com a sua substituição por igrejas novas. Estas igrejas formam a única tipologia planimétrica com origem oratoriana conhecidas no mundo, e apresenta diversas singularidades que as tornam únicas. No que diz respeito à retabulística, é interessante verificar as suas ligações com o sul da Índia, e mais concretamente com o Malabar, da região de Cochim, reforçando uma vez mais a ideia da viagem das formas.

Já Mayur Thakare apresentava-nos com um exaustivo levantamento arqueológico efectuado

serviços à elite portuguesa na viragem do século XIX para o XX. Comprovando-se o que anteriormente foi dito sobre a importância da imprensa periódica como uma fonte importante, o autor localizou a notícia do suicídio de Monsieur Lannoy num jornal da época, identificando assim a identidade do *marchand* como sendo Jean-Baptiste Lannoy. O artigo é também importante pelo foco sobre os mercados de arte, uma área de investigação que tem ganho cada vez mais proeminência e que importa desenvolver.

Por fim, importa mencionar ainda a referência feita por

relevantes desta obra e apresenta de forma bastante didática e facilmente compreensível o estudo que aborda o percurso artístico do artista Jean-Antoine Watteau. E a recensão feita por Vítor Serrão ao livro *O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos: O Restauro do Monumento no Século XIX*, da autoria de Clara Moura Soares, que destaca o peso do mito camoniano para o processo de restauro do Mosteiro dos Jerónimos, mas aborda todo o processo de intervenção, de forma exaustiva, de um monumento nacional tão marcante.

Joaquim Rodrigues dos Santos